



Algumas questões para o debate a partir de “O conto de Aia”

Algumas questões para o debate a partir de “O conto da Aia”

VIRGÍNIA LOUZADA; ROBERTA DUARTE PAULA; LUÍZA VELLOSO VIEIRA 

Resumo

O objetivo deste ensaio é pensar a dimensão educativa da série “O Conto da Aia”, exibida pela empresa de entretenimento estadunidense Hulu, para discutir a ascensão de grupos de extrema direita e conservadores ao poder no Brasil, em 2019. Defendemos que o impeachment de Rousseff foi peça fundamental para a construção desse cenário. As contribuições de Beauvoir, Louro e Atwood, autora da história, se constituem em importante ferramenta de análise para as questões que a história aponta, em diálogo com o momento político descrito no texto. Concluimos afirmando a necessidade de mulheres se fortalecerem coletivamente em busca de estratégias de enfrentamento e sobrevivência.

Palavras – chave: O Conto da Aia – Impeachment – questões de gênero

Abstract

The purpose of this essay is to think about the educational dimension of “The handmaid’s tale”, displayed by the American Entertainment Company Hulu, to discuss the rise of extreme right and conservative political groups to power in Brazil, in 2019. We defend that the Rousseff’s impeachment was a very important tool in building this scenario. The contributions of Beauvoir, Louro and Atwood – the author of the story – constitute as a important analysis for the questions that the story demands, in dialogue with the political moment described in the text. In the end, we conclude by stating the need for women to strength themselves collectively in search of coping and survival strategies.

Keywords: “The handmaid’s tale” – Impeachment – Gender issues

Resumen

El propósito de este ensayo es pensar en la dimensión educativa de la serie "El Cuento de la Criada", mostrada por la compañía estadounidense de entretenimiento Hulu, para discutir el ascenso de grupos de extrema derecha y conservadores al poder en Brasil en 2019. Defendemos que el juicio político de Rousseff fue fundamental en la construcción de este escenario. Las contribuciones de Beauvoir, Louro y Atwood, autora de la historia, constituyen una herramienta de análisis importante para las preguntas que la historia señala, en diálogo con el momento político descrito en el texto. Concluimos declarando la necesidad de que las mujeres se fortalezcan colectivamente en busca de estrategias de supervivencia y supervivencia.

Palabras clave: El cuento de la criada – juicio político – cuestiones de género

Considerações iniciais

O objetivo deste ensaio é pensar a dimensão educativa da série “O Conto da Aia” (título original, em inglês, *The Handmaid's Tale*) para refletir sobre o momento político brasileiro iniciado com o segundo mandato – e posterior impeachment – da presidenta Dilma Rousseff, em 2015. No nosso entendimento, tal fato possibilitou, entre outros elementos, a ascensão de grupos de extrema direita e conservadores ao poder.

Para fins didáticos, o texto organiza-se da seguinte forma: a) ofereceremos informações ao leitor sobre o livro que originou a série; b) traremos alguns elementos abordados no programa de TV; c) promovemos um diálogo entre a narrativa e algumas notícias de 2019 sobre o momento político brasileiro e d) encerraremos o texto refletindo sobre o contexto descrito aqui.

Não é a nossa intenção afirmar que o caminho percorrido no texto é o único possível para pensar as questões que tanto o livro quanto a série podem suscitar nas pessoas que têm acesso à história. Nesse sentido, fazemos nossas as palavras de Abrantes (2017) quando a autora afirma que interpretamos o mundo a partir da nossa história, o que a nosso ver, justifica inúmeras leituras possíveis sobre a série em questão.

Algumas informações sobre a história

“O Conto da Aia” trata-se de uma distopiaⁱ escrita pela canadense Margaret Atwood em 1985, em formato de livro. A história tem sido adaptada desde então – inclusive em um filme intitulado “A Decadência de Uma Espécie”, em 1990. Contudo, somente em 2017, a história ganhou grande visibilidade, após a adaptação para a TV pela Empresa de Entretenimento Estadunidense Hulu, em formato de série, protagonizada pela atriz Elisabeth Moss.

Imagem 01: Capa do livro



Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorentzou/o-conto-da-aia-the-handmaids-tale-e-nosso-futuro-distopico/>

A narrativa da série pauta-se na ficção, onde fundamentalistas religiosos de extrema direita derrubam o governo dos Estados Unidos e estabelecem a República de Gilead. A sociedade estadunidense (e suas normas, como conhecemos) é substituída por um novo modelo fundamentalista baseado na teocraciaⁱⁱ. As mulheres, nesse novo regime, são as mais afetadas, pois tem os seus direitos civis retirados. Não podem trabalhar fora, não tem dados bancários, não podem ler, entre outras proibições. Há uma crise de fertilidade, em que apenas algumas mulheres conseguem procriar.

Nesse cenário, as mulheres passam a ser peças centrais da narrativa e são divididas em “férteis” e “não férteis”. A partir deste aspecto lhes são impostas as seguintes funções: a) **Esposas**: mulheres dos Comandantes, homens do alto escalão da sociedade; b) **Tias**: mulheres designadas à inspeção e a educação dos bons costumes; c) **Martas**: empregadas domésticas; d) **Aias**: mulheres férteis destinadas à procriação.

Esta última categoria de mulheres da sociedade de Gilead - as Aias - foi a escolha da autora para nos oferecer o panorama desta sociedade em que as mulheres são renegadas a um papel social subalterno. Este grupo de mulheres, portanto, são as que ainda podem engravidar. Desse modo, são separadas de suas famílias, são treinadas em centros destinados à educação feminina e tem seus nomes trocados para ratificar a propriedade dos homens sobre elas. June Osborne é a protagonista da história. Ao chegar à Gilead recebe o nome de OFFRED, que significa "Of Fred" ou "Do Fred", nome do Comandante da casa a qual foi enviada. Cada uma delas recebe o prefixo “Of + o nome do Comandante da casa onde está”. São privadas do seu direito de ir e vir, de realizar tarefas (só lhes

permitem fazer compras uma vez ao dia e rezar, sequer podem olhar para onde quiserem, sendo obrigadas, em suas vestimentas, a usarem chapéus com grandes abas que as inviabilizam de olhar ao redor, com o simbolismo de não desviarem de suas rotas e das funções que lhes são impostas como Aias). Sobre essa questão, a personagem principal do livro esclarece:

(...) Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como um número de telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão. (ATWOOD, 2017, p. 103).

Além destas atribuições, as Aias, forçadas a atender a sua função de procriar, são obrigadas a manterem relações sexuais com os Comandantes das casas em que estão naquele momento. Esta situação é oficializada em um ritual nomeado como “A Cerimônia”, sendo tal acontecimento bem próximo do que entendemos como estupro ritualizados. Ou seja, relações sexuais não consentidas no período fértil dessas mulheres, devidamente certificados pelos médicos que se adequaram ao regime. O ritual se inicia com a chegada da Aia, depois os empregados da casa, a Esposa e, por fim, o Comandante. A seguir, é feita uma leitura bíblica pelo Comandante. Os demais empregados são convidados a se retirar, enquanto a Aia, o Comandante e a Esposa permanecem no recinto. Logo em seguida, sem nenhum dos dois tirar as roupas por completo – Aias e Comandantes – para manterem certa impessoalidade no ato, as Aias tem as suas saias levantadas até acima da cintura e são obrigadas a ficarem deitadas entre as pernas da Esposa para os Comandantes realizarem o ato sexual, sem poderem tocar nessas mulheres. Tal prática acontece dessa forma para ratificar a participação das Esposas na concepção de seus futuros filhos e também, a fim de realizar uma alusão a uma passagem bíblica na qual Raquel, uma das esposas de Jacó, não consegue conceber. Como estratégia, levando em conta a fertilidade da outra esposa dele, Lia – irmã mais velha dela – Raquel oferece sua serva Bilha, para ter filhos através da serva. Desta maneira, através deste momento cruel para ambas as categorias de mulheres – Aias e Esposas – se viabiliza a possibilidade de filhos para as mulheres inférteis de Gilead e a manutenção da sociedade em questão.

Offred descreve, dessa forma, “A Cerimônia”:

Minha saia vermelha é puxada pra cima até a minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que eu escolhi. (Ibid., p. 115).

As mulheres férteis que não aceitavam a função de Aias eram encaminhadas às "Colônias", local que a radiação era mortal, para realizarem trabalhos forçados com outras mulheres que são se encaixam nas castas criadas em Gilead – as que não conseguiram engravidar, as viúvas, as que cometeram adultério e as lésbicas. Além desse cenário, aquelas que eram apanhadas desobedecendo às regras eram fuziladas e usadas como exemplo, em praça pública, para as demais mulheres, com o objetivo de coibir qualquer tipo revolta ou insurgência.

Algumas informações complementares sobre a história, a partir da série de TV

Até o presente momento, o programa de TV possui três temporadasⁱⁱⁱ. A primeira tem 10 episódios de aproximadamente 50 minutos. O primeiro episódio começa com a tentativa mal sucedida de fuga da personagem June Osborne e sua família (Luke e Hannah). Eles tentam cruzar a fronteira para o Canadá depois que o golpe foi instaurado no que era a cidade de Boston; porém, para infelicidade da família, mãe e filha são capturadas, enquanto o paradeiro do pai se torna desconhecido até o desenrolar da história.

Imagem 02: Tentativa de fuga de June e sua família



Fonte: <https://aodisseia.com/critica-the-handmaids-tale-1a-temporada/>

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. xxx-xxx, set./dez. 2019

É importante destacar que Gilead promove um período de adaptação para as mulheres férteis que são capturadas com a finalidade de procriar. Estas são direcionadas ao Centro Vermelho, uma espécie de quartel das Aias, coordenado pela Tia Lydia que, pautada nas palavras da Bíblia e nas premissas da nova ordem social, tem como missão doutrinar as mulheres que lá chegam.

Imagem 03: Centro Vermelho



Fonte: <http://www.cinefilosanonimos.com.br/the-handmaids-tale-o-conto-da-aia-paramount-channel-exibe-maratona-completa-da-1a-temporada/>

Após serem designadas as casas dos comandantes, as Aias perdem também a sua identidade e passam a ser chamadas pelos os sobrenomes dos mesmos, como dito anteriormente. A ideia é que o sentimento de pertencimento a essas famílias seja valorizado e que a missão de dar-lhes filhos tenha sucesso. Nesse momento da Série, a protagonista, June Osborne, transita entre duas realidades, onde relembra os momentos vividos antes de Gilead e as angústias que essa nova sociedade lhe provoca, tentando em meio a tudo isso manter sua sanidade mental.

Serena Joy, esposa do comandante Waterford, se constitui em uma peça importante para a narrativa. Em primeiro lugar, por ter ajudado a idealizar Gilead, seus costumes e suas regras. Em segundo, porque não conseguiu concretizar seu grande sonho de engravidar, o que lhe faz entender as Aias como uma possibilidade de realizar-se como mãe e ter um bebê em seus braços. Atwood descreve a personagem dessa maneira:

(...) Serena Joy nunca foi o seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil sobre ela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão enquanto minha mãe dormia na casa nas manhãs de domingo. Na época, ela já merecia um perfil: foi na *Times* ou na *Newsweek*, creio, deve ter sido. Naquela altura, ela já não cantava mais,

estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesma não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos. (Ibid., p. 57/58).

Esse primeiro contato com a série é marcado por cenas chocantes. Basicamente, normas rígidas e violentas que afetam cada personagem da ficção, sem eximir os telespectadores. Contudo, a esperança de novos tempos se reafirma com o último episódio que inicia uma revolução silenciosa quando as Aias, lideradas por June, se recusam a apedrejar uma de suas colegas até a morte.

A segunda temporada, contendo 13 episódios, demonstra o desenrolar da experiência da protagonista na casa do comandante e as muitas variáveis do regime de Gilead. A maternidade continua sendo a temática central para a personagem Serena Joy, que finalmente está perto do seu objetivo. June está esperando o bebê que deveria ser o passe livre para que ela encontre sua filha Hannah. Nasce a pequena Nicole, criança considerada “filha de Gilead”. Acobertada por Serena Joy, que ao perceber a incapacidade do comandante de engravidar a Aia, decide que Nick, motorista particular da família, cumpriria esse papel. Nesse sentido Nicole é fruto da relação de June e Nick com o consentimento de Serena Joy. Os planos mudam e a trama é encerrada com o surgimento de uma rede de resistência composta por Martas (empregadas domésticas) que ajudam a Aia a libertar a pequena Nicole da realidade cruel que Gilead reserva para as mulheres daquele tempo, viabilizando a fuga do bebê para o Canadá. É nesse contexto que a 3ª temporada tem início. June desiste de fugir, voltando para Gilead sem Nicole, uma vez que a sua maior motivação é encontrar a primogênita Hannah.

A terceira e até o momento, a última temporada, com também 13 episódios tem como pano de fundo a tentativa desenfreada do casal Waterford em trazer a pequena Nicole de volta. June, determinada a impedir que isso aconteça, tomada por um espírito de justiça e vingança é designada a casa do comandante Lawrence que, apesar de não parecer ser muito confiável, ajuda algumas pessoas a fugirem para o Canadá. É nesse palco e com a ajuda das Martas que o plano da protagonista da série de libertar o maior número de crianças de Gilead ganha força e se concretiza.

São múltiplas as possibilidades de ser entender a questão do feminino em uma sociedade patriarcal como em Gilead. “O Conto da Aia” nos mostra, de forma perversa, porém não tão distante da realidade, muitas dificuldades que ainda hoje, em pleno Séc.

XXI, as mulheres enfrentam. A tentativa de controle dos idealizadores de Gilead, através de castigos físicos, psicológicos e da privação de muitos direitos conquistados ainda está presente nos discursos/práticas de muitas sociedades contemporâneas, reafirmando que a resistência percebida em vários momentos da série é verdadeiramente necessária.

Entendemos que “O Conto da Aia” pode se tornar uma ferramenta de análise poderosa para nos ajudar a compreender o momento histórico brasileiro instaurado desde o segundo mandato de Dilma Rousseff – e posterior impeachment, que culmina com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Em relação ao impeachment, entendemos que existem muitos elementos que nos ajudam a discutir o acontecimento que não são o nosso objetivo nesse trabalho. Contudo, defendemos que a questão da misoginia não pode ser ignorada nesse contexto. Para além das discordâncias políticas geradas em sua administração, Dilma sofreu comentários extremamente preconceituosos pelo fato de ter sido a primeira presidenta eleita do país^{iv}. Consideramos uma das ofensas mais desrespeitosas que sofreu o adesivo para carros – para ser colado na entrada do tanque de gasolina – onde a presidenta estava de pernas abertas^v. Dizemos que esse contexto desemboca na eleição de Bolsonaro porque não consideramos coincidência sua eleição, justamente após a retirada de Rousseff do cargo, (mesmo que não tenha sido possível provar a sua participação direta nas irregularidades que foi acusada^{vi}), levando em conta o perfil do político.

“O conto da Aia” e o Brasil a partir de 2019

A escolha em fazer um recorte temporal, para fins de análise, com o início de mandato de Jair Bolsonaro como Presidente da República (em 2019), justifica-se por conta de alguns fatos ocorridos a partir desse fato, levando em conta, inclusive, o que o próprio presidente afirma representar e suas escolhas para a equipe de governo. Durante o período em que esteve na Câmara dos Deputados, como Deputado Federal (sete mandatos), ficou conhecido por conta de declarações classificadas como discurso de ódio e de extrema-direita, que incluem a defesa das práticas de tortura pela ditadura militar brasileira^{vii}, a posse de arma de fogo para cidadãos sem antecedentes criminais^{viii}, os valores cristãos e a família tradicional brasileira^{ix}.

Um fato bastante contundente e que relacionamos a esse cenário tem a ver com o aumento da violência – tanto simbólica quanto física – contra mulher. Dados trazidos pelo relatório “Retratos da violência – cinco meses de Monitoramento, análises e descobertas”

(RAMOS, 2019) são bastante assustadores. De acordo com o relatório, dos 518 casos de violências cometidas contra mulheres nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo em 2019, 39% foram feminicídios, 42 % foram tentativas de feminicídios ou agressões físicas e 15% foram agressões sexuais. Dados ainda mais alarmantes revelam o aumento de feminicídios no início de 2019, sendo 107 casos em apenas 20 dias, distribuídos por 94 cidades brasileiras e 21 estados^x.

Tal fato nos possibilita, mais uma vez, estabelecer um diálogo entre a realidade brasileira e “O Conto da Aia”. Um dos casos mais marcantes narrados pela história foi a mutilação genital sofrida pela personagem Emily Malek, chamada de “Ofglen”. Emily sofreu punição severa por dois motivos: por fazer parte da resistência e por ser lésbica (ou “traidora de gênero”, como eram conhecidos/as aqueles/as que não eram heterossexuais. Federici (2019, p. 93) nos ajuda a entender a intencionalidade pedagógica da violência cometida contra mulheres: “a violência sempre esteve na família nuclear como uma mensagem nas entrelinhas” sendo “normalizada como aspecto estrutural das relações familiares e de gênero”. Não nos causa nenhum estranhamento que os casos de feminicídio tenham aumentado consideravelmente no país, no contexto atual brasileiro.

Ainda falando sobre essa questão, do início de 2019 até o momento em que esse texto foi escrito, temos ouvido comentários bastante violentos e desrespeitosos sobre a questão da mulher. Um dos casos mais emblemáticos se personaliza na pastora evangélica Damares Alves, integrante da equipe de governo de Bolsonaro, responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (que substituiu o Ministério dos Direitos Humanos^{xi}, criado na gestão anterior). Ao longo de 2019 pudemos ouvir alguns comentários seus que causam revolta, constrangimento, incredulidade: “modelo ideal de sociedade é com mulheres apenas em casa^{xii}”, “mulheres nascem para serem mães^{xiii}”, “meninas são estupradas porque não têm calcinhas^{xiv}”, “menino veste azul e menina veste rosa^{xv}”, entre outros. A justificativa para dada para o estupro das meninas marajoaras, por exemplo – a falta de calcinhas por conta da pobreza – merece destaque, pois desloca a responsabilidade do estupro para a vítima. Tal lógica, mais uma vez, nos remete a “O Conto da Aia”. Nas palavras de Tia Lydia, que justificava a utilização do traje pelas Aias com o mínimo do corpo feminino exposto para “protegê-las”, uma vez que considerava deplorável e exibida a maneira...

(...) com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, em

público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem a acontecer. (Ibid., p. 69).

Entendemos ser necessário analisar tais declarações para além da questão individual. Essas frases foram ditas por Damares Alves, mas, infelizmente, há muitas pessoas – inclusive mulheres – que reafirmam e são constituídas pela mesma lógica que justificam tais comentários. Para Louro, a condição feminina constitui-se em uma construção, uma vez que ser – ou fazer-se – mulher depende “das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos” que lhes são “ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura (2008, p. 17). A autora, inclusive cita no artigo o célebre argumento defendido por Simone de Beauvoir em seu livro “O segundo sexo”: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (2009, v. 2, p. 361). Explicando melhor o que ambas disseram é que não há nada de “espontâneo” ou “natural” nesse processo que também inclui os homens, uma vez que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18).

Nesse sentido, argumentamos que havia traços de um cenário brasileiro simbolicamente próximo à narrativa de “O conto da Aia” muito antes das eleições de 2018. Houve um “peso” considerável, para um país profundamente desigual, com questões estruturais de misoginia, racismo, homofobia, lesbinofofia e transfobia, eleger uma presidente mulher por dois mandatos consecutivos. Logicamente não seremos ingênuas em afirmar que “apenas” o ódio ao feminino justificaria o impeachment de Dilma Rousseff. Estamos cientes de que havia outros elementos que justificavam esse contexto; contudo, como já foi dito, discuti-los foge ao escopo desse trabalho.

A série e as declarações de Damares Alves colocam diante de nós, principalmente mulheres, questões incômodas que precisam ser discutidas. Uma delas é a questão da maternidade compulsória, o fato quase incontestável de que toda mulher nasceu para ser mãe pelo fato de estar biologicamente preparada para a função, inclusive, em muitos casos, menosprezando o prazer sexual, considerado como desnecessário nessa empreitada. Nas palavras de Beauvoir, na tentativa de reproduzir o senso comum sobre a mulher: “Tota mulier in útero: é uma matriz, diria alguém” (2009, v. 1, p. 13).

As Aias eram obrigadas a fazer sexo para procriar, para que houvesse gerações futuras – e, conseqüentemente – a manutenção da sociedade em Gilead. As próprias esposas dos Comandantes também estavam circunscritas a essa premissa, uma vez que eram obrigadas a consentir que seus maridos fizessem sexo com as Aias com essa finalidade (podemos ver o incômodo que “A Cerimônia” causava em Serena Joy, por Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. xxx-xxx, set./dez. 2019

exemplo, tanto no livro quanto na série). Em nome de um bem maior, os desejos dessas mulheres e suas subjetividades eram sistematicamente ignorados, uma vez que era necessário cumprir a função de gerar filhos/as:

Não tem nada a ver com paixão ou amor, ou romance ou qualquer daquelas outras noções com as quais costumávamos nos empolgar. Não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena. Excitação sexual e orgasmo não são mais considerados necessários; seriam meramente um sintoma de frivolidade, como ligas rendadas ou pintas falsas: distrações supérfluas para volúveis. Fora de moda. Parece estranho que mulheres outrora gastassem tanto tempo e energia lendo a respeito dessas coisas, pensando nelas, se preocupando com elas, escrevendo a respeito delas. São tão evidentemente recreativas. (ATWOOD, 2017, p. 115/116).

Por fim, e não menos importante do que foi dito até aqui, outra questão que nos deixa bastante preocupadas é a influência da religião evangélica no Estado Brasileiro, professada pelo presidente e por pessoas do seu governo. Na ocasião de sua posse, Damares Alves, pastora evangélica, fez questão de enfatizar que, a partir daquele momento, não haveria mais “doutrinação ideológica” de crianças e adolescentes no país, pois o Estado era laico, mas ela, Damares, era “terrivelmente” cristã e acreditava nos desígnios de Deus^{xvi}. Sobre a laicidade^{xvii} do Estado, consideramos importante ressaltar que a cidadã Damares Alves tem todo o direito de professar e vivenciar a sua religiosidade – assim como as demais pessoas têm o mesmo direito, principalmente aquelas que professam religiões diferentes da matriz judaico-cristã (pois muitas vezes são vítimas de preconceito religioso). As pessoas que não acreditam na existência de um ser divino também precisam ter o seu direito assegurado de pensar dessa forma. Por conta disso, entendemos ser necessária a defesa e a garantia de um Estado Laico para todos/as, o que significa entender que a religião é um assunto de esfera individual que não deve interferir nos assuntos do Estado Brasileiro.

Algumas considerações provisórias sobre “O Conto da Aia”

Entendemos que a questão central que justifica todo esse cenário tem a ver com o “perigo” eminente da emancipação feminina e a insegurança que um contexto feminino emancipado pode causar nos homens. Em setembro de 2019 circulou um vídeo do Bispo Edir Macedo, em um culto, explicando aos fiéis da igreja o porquê de não permitir às filhas que fizessem faculdade. Segundo o líder religioso, caso as filhas cursassem o nível superior, elas poderiam se tornar “a cabeça” do casamento, lugar esse, de acordo com a narrativa bíblica, precisa ser ocupado pelo homem. Nas palavras de Macedo:

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. xxx-xxx, set./dez. 2019

"Você vai fazer até o ensino médio. Depois, pode fazer faculdade. Mas, até o seu casamento, você vai ser apenas uma pessoa de ensino médio", diz o bispo no vídeo, referindo-se ao que teria dito às filhas. "Se a Cristiane fosse doutora e tivesse um grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse um grau de conhecimento baixo, ele não seria o cabeça. Ela seria a cabeça", falou^{xviii}.

^{xix}Mesmo quando a mulher trabalha (ou nos casos em que isso é inevitavelmente aceito, por conta do planejamento familiar), a “superioridade” masculina se apresenta como um elemento tácito à relação. Quantas mulheres já não sofreram, muitas vezes em silêncio, com comentários que buscavam “colocá-las” no lugar subalterno que elas “devem” ocupar em relação aos homens? Quantas mulheres não foram preteridas, no caso daquelas que são mães, em entrevistas de trabalho, por conta de questionamentos como “com quem deixará seu filho caso seja contemplada com a vaga? – como se a criança fosse apenas responsabilidade da mulher e não fossem necessários homem e mulher para conceber – desconsiderando, por exemplo, a estratégia de dividir os cuidados dividir os cuidados infantis? Quantas mulheres são entendidas, a priori, como seres emotivos e sensíveis, como se a questão fosse biológica, (e, por conta disso, deveriam procurar atividades profissionais coerentes com essa realidade)? Beauvoir se posiciona de maneira contundente sobre essa questão:

A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No *Hebdo-Latin* (grifo da autora) um estudante declarava há dias: “Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado *rouba-nos* um lugar.” Esse rapaz não duvidava, um só instante, de seus próprios direitos sobre o mundo. Não são somente os interesses econômicos que importam. Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior: “um pobre branco” do sul dos Estados Unidos tem o consolo de dizer a si próprio que não é “um negro imundo”, e os brancos mais ricos exploram habilmente esse orgulho. Assim também o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres. (BEAUVOIR, 2009, v. 1, p. 25/26).

Ter acesso à história, principalmente sendo mulher, é algo impactante e realmente incômodo. Impossível não se solidarizar com June Osborne e suas companheiras Aias sobre o sofrimento cotidiano causado pela total falta de liberdade, pelo enclausuramento, pela saudade da vida vivida antes de Gilead, pela dor causada pela Cerimônia ou pela total ausência de informação de seus entes queridos e também de seus filhos e filhas.

A maneira como o livro termina, porém, nos deixa com esperanças de dias melhores. Fica a esperança de fuga de June, da possibilidade de liberdade e de narrar às gerações futuras todo o contexto de Gilead. Entendemos que nenhuma estrutura é tão rígida que não nos permita subvertê-la – ou de criar novas possibilidades de resistência.

Nesse sentido, se existe alguma possibilidade de sobrevivência para nós mulheres, mesmo em um contexto tão complicado quanto o descrito neste texto, entendemos que reside na possibilidade de nos fortalecermos umas com as outras.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Ana Carolina. **Discurso, cinema e Educação: metáforas visuais** em Abril Despedaçado. Curitiba: Appris, 2017. Não paginado.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LOURO, Guacira LOPES. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, v. 19, n. 2 (56), mai./dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 27 dez. 2019.

RAMOS, Silvia (coord.). **Retratos da Violência** – Cinco meses de monitoramento, análises e descobertas. Rio de Janeiro: Rede de Observatórios da Segurança/CESec, novembro de 2019.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24 (3): 398, set./dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46743/32489>

RECEBIDO: 21/06/2019
APROVADO: 03/08/2019

RECEIVED: 21/06/2019
APPROVED: 03/08/2019

RECIBIDO: 21/06/2019
APROBADO: 03/08/2019

ⁱ A distopia é um pensamento filosófico que caracteriza uma sociedade imaginária controlada pelo Estado ou por outros meios extremos de opressão, criando condições de vida insuportáveis aos indivíduos. Normalmente tem como base a realidade da sociedade atual idealizada em condições extremas no futuro. Disponível em: <https://www.significados.com.br/distopia/>. Acesso em 27 dez. 2019.

ⁱⁱ Estado teocrático é um país ou nação que possui um sistema de governo que se submete às normas de uma religião específica. As regras que gerem as ações políticas, jurídicas, de conduta moral e ética, além

da força policial deste modelo de governo estão baseadas em doutrinas religiosas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/estado-teocratico/>. Acesso em 23 jan. 2020.

ⁱⁱⁱ A previsão de estreia da quarta temporada é 2020. Anderson Narciso. “The Handmaid’s Tale, 4ª temporada: previsão de estreia e spoilers”. Mix de Séries. 21 ago. 2019. Disponível em: <https://mixdeseries.com.br/the-handmaids-tale-4a-temporada-previsao-de-estreia-e-spoilers/>. Acesso em 23 dez. 2019.

^{iv} Para maior aprofundamento da questão, sugerimos a leitura do artigo “Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha” (STOCKER; DALMASO, 2016).

^v Terra. “Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa à Dilma”. Terra. 2 jul. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sleRCRD.html>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{vi} Eduardo Simões. “Perícia realizada como parte do processo de impeachment contra a presidente apontou que Dilma não teve participação direta em irregularidades”. Revista Exame Online. 6 jul. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/laudo-mostra-que-dilma-nao-participou-de-irregularidades/>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{vii} Congresso em Foco. “Bolsonaro recomenda livro de Ustra, coronel condenado por tortura, a estudante e professora”. Congresso em Foco. 30 set. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/direitos-humanos/bolsonaro-recomenda-livro-de-ustra-coronel-condenado-por-tortura-a-estudante-e-professora/>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{viii} Mayara Oliveira. “De férias, Bolsonaro defende ampliação de posse e porte de armas”. Metrópoles. 29 dez. 2019. Disponível em: <https://www.metrópoles.com/brasil/politica-br/de-ferias-bolsonaro-defende-ampliao-de-posse-e-porte-de-armas>. Acesso em 01 jan. 2020.

^{ix} Ricardo Della Coletta; Danielle Brant. Folha de São Paulo online. 5 out. 2019. “Bolsonaro nega praticar censura, mas defende valores cristãos na cultura”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/bolsonaro-nega-praticar-censura-mas-defende-valores-cristaos-na-cultura.shtml>. Acesso em 26 dez. 2019.

^x Maria Fernanda Garcia. “Brasileiras em perigo: 107 casos de feminicídios em 20 dias de 2019. Geledés – Instituto da Mulher Negra. 26 jan. 2019. Disponível em: https://www.geledes.org.br/brasileiras-em-perigo-107-casos-de-feminicidio-em-20-dias-de-2019/?gclid=Cj0KCQiApaXxBRDNARIsAGFdaB_r4t3i05xaU6zZVhxYVn8NI0xvLz52INkFZwvUzCY8Oe9Sm. Acesso em 23 jan. 2020.

^{xi} O próprio Ministério dos Direitos Humanos, por si só, precisa ser destacado. Ele foi criado em 2017, pelo presidente Michel Temer (que ascendeu ao cargo com o impeachment de Dilma Rousseff), em substituição ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. <https://www.camara.leg.br/noticias/506992-medida-provisoria-cria-ministerio-dos-direitos-humanos/>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{xii} Administrador. “Mulher nasce para ser mãe, infelizmente tem que ir para o mercado de trabalho”, afirma pastora cotada para o ministério”. Blog da Cidadania. 1 dez, 2018. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2018/12/mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-afirma-pastora-cotada-para-ministerio/>. Acesso em 01 jan. 2020.

^{xiii} Ana Virginia Balloussier. “Ministra disse que mulher nasceu para ser mãe e que ideologia de gênero é morte; conheça”.

Folha de São Paulo Online. 6 dez. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/ministra-de-direitos-humanos-diz-que-mulher-nasceu-para-ser-mae-e-ideologia-de-genero-e-morte.shtml>. Acesso em 01 jan. 2020.

^{xiv} Carta Capital. “Damares justifica abuso de meninas por falta de calcinhas”. Carta Capital Online. 25 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-justifica-abuso-de-meninas-por-falta-de-calcinhas/>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{xv} Folha de São Paulo. “Menino veste azul e menina veste rosa’, diz Damares Alves”. Folha de São Paulo Online. 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{xvi} Daniel Carvalho; Rubens Valente. “Acabou a doutrinação de crianças e adolescentes’ diz Damares em posse”. Folha de São Paulo Online. 2 jan. 2019. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/acabou-a-doutrinacao-de-criancas-e-adolescentes-diz-damares-em-posse.shtml>. Acesso em 26 dez. 2019.

^{xvii} A laicidade corresponde a uma doutrina ou um sistema político que defende a exclusão da influência da religião no estado, na cultura e na educação. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/laicidade/>. Acesso em 27 dez. 2019.

^{xviii} Universa. “Em vídeo, Edir Macedo diz que proibir filhas de estudarem antes de casar”. Uol. 29 set. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/24/edir-macedo-diz-que-so-deixou-filhas-fazerem-faculdade-apos-casamento.htm>. Acesso em 27 dez. 2019.

